

Next

Encontro o Zé numa estação de serviço. Lembrei-me que dois anos antes ele tinha comprado um antigo edifício pombalino para recuperar, realizando assim um antigo sonho de vida: viver numa 'casa a sério'. Após as trivialidades habituais, pergunto-lhe pelas obras:

- Epá... já a vendi – responde.

- Ah é? Então porque? – devolvo, calculando não ter sido por dificuldades financeiras.

- *Next!!* – respondeu-me o Zé, rasgando um sorriso confiante, enquanto encolhia os ombros e abanava a cabeça de um lado para o outro.

- *Next?* – pergunto eu atónito. Afinal de contas o que quereria dizer *Next* naquele contexto?

O Zé olha para mim com um misto de espanto e descendência. Adivinhando minha ignorância, trata de esclarecer:

- *Next* pá! Obras é um calvário. *Tou farto!* Tenho em vista um prédio espectacular para arranjar à minha maneira... – o tom com que soletrou «arranjar» pareceu-me bastante decidido.

Emudeço, esmagado pelo poder argumentativo. Não me sai uma palavra. Deixa lá ver se eu percebi bem: primeiro o Zé compra a mais vetusta das casinhas lisboetas e trata de a “assassinar” com obras saídas directamente de uma versão *twilight zone* do mercado mobiliário. Depois farta-se e vende a casa para “partir para outra”. Definitivamente um de nós caiu num caldeirão de LSD quando era pequenino, pensei. *Next...* então e a cultura *More*? Até agora era sempre: – Epá, vendi a casa porque conto reabilitar outra com mais potencial, agora com mais pinta, agora com mais acabamentos

de luxo e agora também, com mais um jacuzi. O discurso *More* morreu definitivamente para dar lugar a *Next*. O *Next* não é tão pseudo-pragmático mas em compensação é mais fantástico porque não implica qualquer linearidade racional: não gostas do teu carro? Não compres um melhor (o que sairia caríssimo), nem um diferente (o que seria arriscado, pois poderia sair pior que o anterior) – a solução está no pensamento *Next* – compra outro e pronto. Pode ser igual desde que seja outro. Daí o *Next*. A instabilidade financeira mundial, aliada às alterações climáticas e outros fenómenos globais, geraram uma nova cultura emergente pós 11 de Setembro. O problema do património edificado está agora na sua incontornável falta de flexibilidade quando confrontado com uma política de reabilitação *Next*.

Como é que se pode considerar o tema de capa deste número numa lógica *Next*? De todos os componentes de uma edificação, nenhum é mais efémero do que a cor. O pigmento é a primeira protecção de um edifício e normalmente a primeira camada arquitectónica a capitular sob as garras das intempéries. No entanto resiste ao tempo, mais do que alguns elementos estruturais, conseguindo-se por vezes preservar algumas superfícies históricas, quase sempre interiores (mas é tudo). A cor é uma experiência sensorial com fortíssima influência social e um reflexo da expressão cultural. Pintar uma casa por fora raramente constitui um exercício artístico instintivo. Se assim fosse todos os edifícios seriam de todas as cores. A prova disso é que se perguntar a uma criança de que cor pintaria os prédios da cidade,

ela responderá: amarelo, encarnado, azul-claro, azul-escuro, verde-claro, verde-escuro, cor de laranja, roxo e as restantes cores que conhece da caixa de lápis; e todas elas para cada um dos prédios! Sem dúvida que a geração *Next* irá adoptar também as suas cores. Não pode deixar de o fazer. A dúvida não está na atitude mas na aplicação prática.


Pela expressão do Zé, apercebo-me subitamente das minhas divagações introspectivas e, envergonhado, retomo um ar concentrado. Como deixei de o ouvir durante não sei quanto tempo decido-me a um contra-ataque estratégico e definitivo:

- Então e de que cor vais pintar o prédio?

- Quero lá saber... Só sei que vai ficar espectacular.

Regresso ao meu silêncio, acabo de abastecer o carro com 50 litros de combustível fóssil e despeço-me com votos de boa sorte para a nova intervenção.

Fico a imaginar de que cor ficará o próximo prédio do Zé, se é que isso importa a alguém. Enquanto o carro se afasta, afasto também aquele pensamento e... *Next*.

Termino com a habitual sugestão de um *site* relacionado com o tema. Em www.muraldahistoria.com.pt poderá consultar o interessante trabalho desenvolvido desde 1991 pela *Mural da História* na área de conservação e restauro de pintura mural. 

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto